

temporada oesp 2019

MINISTÉRIO DA CIDADANIA, GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
POR MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
E FUNDAÇÃO OESP APRESENTAM



CONCERTOS SINFÔNICOS **23, 24 E 25.5**

futuros do passado

23.5 quinta 20H30 CARNAÚBA

24.5 sexta 20H30 PAINEIRA

25.5 sábado 16H30 IMBUIA

**ORQUESTRA SINFÔNICA DO
ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP**

JAIME MARTÍN REGENTE

KIRILL GERSTEIN PIANO

GUSTAV MAHLER [1860-1911]

Blumine [1888]

8 MIN

ARNOLD SCHOENBERG [1874-1951]

Concerto Para Piano, Op.42 [1942-44]

21 MIN

GEORGE GERSHWIN [1898-1937]

Rhapsody in Blue [1924]

[VERSÃO ORIGINAL PARA ORQUESTRA DE JAZZ]

16 MIN

/INTERVALO

20 MIN

FELIX MENDELSSOHN-BARTHOLDY [1809-47]

Sinfonia nº 5 em Ré Maior, Op.107 - Reforma [1829-30]

ANDANTE. ALLEGRO CON FUOCO

ALLEGRO VIVACE

ANDANTE. CORAL: NOSSO DEUS É UMA FORTALEZA. ALLEGRO

VIVACE. ALLEGRO MAESTOSO

27 MIN

Concerto Para Piano, Op.42, de Schoenberg:

Editora original Schirmer (MSC).

Representante exclusivo:

BARRY EDITORIAL (www.barryeditorial.com.ar).

GUSTAV MAHLER

Blumine

Em 1884, Gustav Mahler escreveu a trilha incidental para as cenas de *O Trompetista de Säkkingen*, um poema épico de Joseph Viktor von Scheffel (1826-86). Essa música se perdeu, mas descobriu-se que, no segundo movimento da versão original de sua *Sinfonia nº 1*, o compositor havia reaproveitado um desses quadros sonoros, em que o protagonista, o instrumentista do título, toca uma serenata para sua amada. Posteriormente excluído da *Sinfonia nº 1*, esse movimento passou muito tempo esquecido e foi redescoberto apenas em 1966. O título, *Blumine*, faz referência a uma coletânea de artigos publicada por Johann Paul Friedrich Richter (1763-1825), escritor a quem Mahler devotava grande admiração.

O tema principal é apresentado desde o início, sobre o *tremolo* das cordas: uma melodia de trompete, lírica e singela, que vem a ser partilhada pelos outros naipes da orquestra, especialmente as madeiras. Com acompanhamento delicado e cordas frequentemente em *pizzicato* ou em dinâmica *piano*, oferece também destaque para solos de violoncelo, violino e, principalmente, harpa. A música é suave, descritiva, amorosa e evoca facilmente uma cena pastoral aprazível e reconfortante. Nela, pode-se identificar os chilreios de pássaros, o farfalhar das folhas de árvores e todos os pequenos ruídos de uma manhã primavera.

ARNOLD SCHOENBERG

Concerto Para Piano, Op.42

Escrito nos EUA, o *Concerto Para Piano, Op.42*, foi resultado de uma encomenda feita por Oscar Levant, pianista, maestro e celebridade do rádio, que desistiu do negócio ao ver que Schoenberg queria lhe cobrar muito mais do que estava disposto a pagar. A obra foi finalmente financiada por Henry Clay Shriver, advogado e músico amador, a quem foi dedicada.

Construída em quatro movimentos que se sucedem sem interrupção, apresenta de maneira praticamente didática todos os procedimentos de uma composição dodecafônica: inversões, retrogradações e transposições seriais, fragmentações. Na primeira seção, mais despreocupada, uma dança desintegrada lembra uma valsa vienense. Na segunda, repleta de frases agressivas e angulosas, pode-se mergulhar em angústia existencial desabrida; a terceira, lenta e trágica, tem desenrolar doloroso, apesar do lirismo mais aparente; e finalmente a quarta, mais leve e brincalhona, contrapõe cordas heroicas e sopros galhofeiros, intermediados pelo piano, que ora toma o partido de uns, ora de outros.

Apesar de sua sofisticação e de ser peça eminentemente racional, que se propõe a ser mais compreendida do que abraçada, o concerto tem uma subcorrente programática, o que é no mínimo curioso, já que Schoenberg geralmente detestava instruções de caráter extramusical: cada um dos movimentos trazia, no manuscrito, indicações específicas, que foram deliberadamente omitidas da edição. São elas: "Vida tão fácil";

“De repente, a raiva explodiu”; “Uma situação séria foi criada”; “Mas a vida continua”. Não é fácil acompanhar as intenções sonoras desta composição e lhes descobrir o sentido interno. Mas, como acontece com a maior parte da obra de Schoenberg, nosso empenho é sempre recompensado.

GEORGE GERSHWIN

Rhapsody in Blue

Gershwin foi o mais bem-sucedido compositor a transitar entre o jazz e a música clássica. Filho de pais judeus russos radicados em Nova York, cedo fez sucesso como autor de musicais da Broadway. Sua *Rhapsody in Blue*, para piano e banda de jazz (posteriormente adaptada para orquestra sinfônica), foi comissionada por Paul Whiteman, líder de um dos mais famosos conjuntos de jazz da época, a Palais Royal Orchestra. A encomenda visava justamente conferir ao gênero, discriminado como música menor, um *status* mais elevado entre público e críticos, se valendo para isso do poder da música clássica, amplamente respeitada. Realizada por Ferde Grofé, o arranjador habitual do grupo, a orquestração se baseou na partitura de Gershwin para dois pianos e põe em relevo vários elementos de *ragtime* e *blues* em uma moldura de concerto clássico para piano e orquestra.

Rhapsody in Blue é talvez o exemplo supremo de amálgama entre gêneros. Baseia-se em escalas do *blues*, ritmos sincopados e temas contrastantes, utilizados muito criteriosamente. Conta também com generosa pitada de música Klezmer, presente desde o início, no solo de clarineta que abre a peça. Em um único movimento esbanja melodias memoráveis,

costuradas com suavidade e graça e oferece ampla liberdade ao solista, a quem cabem trechos cadenciais que podem até parecer improvisados ao ouvinte que faz contato com a peça pela primeira vez.

Apesar do risco implícito em sua concepção – poderia ser ignorada pelos amantes da música clássica e ser considerada pretensiosa pelos amantes da música popular –, a recepção foi melhor do que a prevista e *Rhapsody in Blue* rapidamente seduziu as plateias de ambos os lados do espectro, tornando-se uma das mais conhecidas obras instrumentais norte-americanas e abrindo caminho para que Gershwin fosse definitivamente incorporado ao rol dos compositores de música de concerto.

FELIX MENDELSSOHN-BARTHOLDY

Sinfonia nº 5 em Ré Maior, Op.107

Se existe alguém cujo lugar na história precisa ser reavaliado, este é Mendelssohn. Extremamente precoce, chegou à maturidade musical em uma idade em que a maioria dos compositores está apenas começando a esboçar os primeiros passos. Seu domínio técnico era invejado e ele foi dos poucos a pesquisar a música do passado, tendo reacendido o interesse do público pelas grandes obras do repertório barroco alemão.

De família rica e respeitadíssima, filho de judeus que se converteram ao luteranismo quando ele tinha sete anos, Mendelssohn sofreu com o azar de ser o ideal de homem clássico: culto, equilibrado, elegante, generoso... em uma época em que nenhuma dessas qualidades era apreciada. Na arte que cultuava, o Romantismo queria ver

sangue, entranhas, desequilíbrio, paixão desenfreada ou pelo menos uma boa dose de melancolia destruidora. Desta maneira, tornou-se chique desprezar a obra do compositor. Sua elegância passou a ser sinônimo de falta de profundidade, sua fluência, de futilidade, sua religiosidade, de sentimentalismo. O resgate da reputação do artista é fenômeno recente.

Homem precavido, Mendelssohn viu no 300º aniversário da apresentação da *Confissão de Augsburg* a ocasião perfeita para escrever uma sinfonia de peso, que poderia dar lastro e lustre a seu nome. O documento era um dos mais importantes para a fé luterana, e a comemoração desse aniversário pela corte seria certamente um momento de grande evidência e pompa. Assim, ele começou a trabalhar na sinfonia com um ano de antecedência. Mas o destino não colaborou: o músico passou por várias moléstias nesse período, incluindo sarampo, o que atrasou muito a composição.

Supõe-se que outras razões tenham impedido a estreia da peça na cerimônia, entre as quais o antissemitismo da comissão que preparava a festa. O fato é que a sinfonia perdeu o momento certo de ser revelada ao público. As execuções subsequentes não agradaram totalmente o compositor, que empreendeu algumas revisões e por fim simplesmente abandonou a obra.

No entanto, ela merece uma fortuna mais justa. Seus quatro movimentos são repletos de momentos de grande beleza e a obra tem, ao mesmo tempo, uma reconfortante unidade. No primeiro, motivos de caráter espiritual, como o *Amém de Dresden* (uma sequência de notas tradicionalmente cantada nos serviços religiosos da Saxônia) são habilmente entretecidos com trechos marciais. No segundo, a música brinca e convida à leveza, com oboés se lançando em dueto alegre e bucólico. O terceiro, retomando motivos do primeiro, tem arroubos de lirismo; o quarto, finalmente, toma como base o coral de Lutero *Ein feste Burg ist unser Gott [Nosso Deus é uma Fortaleza]*, que alternadamente submerge, volta à tona e envolve toda a massa sonora no louvor a Deus.

LAURA RÓNAI

É DOUTORA EM MÚSICA, RESPONSÁVEL PELA CADEIRA DE FLAUTA TRANSVERSAL NA UNIRIO E PROFESSORA NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. É TAMBÉM DIRETORA DA ORQUESTRAS BARROCA DA UNIRIO.



ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

—
Fundada em 1954 e hoje reconhecida internacionalmente por sua excelência, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. Em 2012, Marin Alsop tornou-se Regente Titular, tendo sido nomeada Diretora Musical em 2013 (até o fim de 2019). Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê pela China e Hong Kong. No ano passado, a gravação das *Sinfonias* de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabtschewsky — projeto que se soma a seus mais de 80 álbuns lançados — recebeu o Grande Prêmio da *Revista Concerto* e o Prêmio da Música Brasileira.



JAIME MARTÍN

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM AGOSTO DE 2015

—
O maestro e flautista espanhol foi Diretor Artístico e Regente Titular da Orquestra Sinfônica de Gävle (Suécia) e, neste ano, assumirá os postos de Regente Titular da Orquestra Sinfônica Nacional da RTÉ (Irlanda) e de Diretor Musical da Orquestra de Câmara de Los Angeles. Como convidado, já esteve à frente de orquestras como a Sinfônica da Rádio Frankfurt, a Royal Liverpool Philharmonic e a Filarmônica de Londres – uma das orquestras na qual havia sido, antes, primeiro flautista. Ele é membro do Royal College of Music (Londres), onde foi professor de flauta.



KIRILL GERNSTEIN

ÚLTIMA VEZ COM A OSESP EM MARÇO DE 2017

—
Russo-americano baseado em Berlim, o pianista já se apresentou com orquestras como as Filarmônicas de Berlim, Viena e Nova York, a Concertgebouw de Amsterdã e as Sinfônicas de Boston e da BBC. Dentre suas gravações estão os *Estudos Transcendentais* de Liszt (apontado como um dos CDs do ano de 2016 pelo *The New Yorker*), o *Concerto nº 1* de Tchaikovsky e, a ser lançado ainda neste ano, o *Concerto Para Piano* de Busoni (todas pelo selo Myrios). Em seu versátil repertório estão obras que ele mesmo encomendou a compositores como Timothy Andres, Chick Corea, Alexander Goehr, Oliver Knussen, Brad Mehldau e, mais recentemente, Thomas Adès.

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETORA MUSICAL E REGENTE TITULAR
MARIN ALSOP

VIOLINOS

EMMANUELE BALDINI SPALLA
DAVI GRATON SPALLA***
YURIY RAKEVICH
LEV VEKSLER*** EMÉRITO
ADRIAN PETRUTIU
IGOR SARUDIANSKY
MATTHEW THORPE
ALEXEY CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS
ANDERSON FARINELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KLIEMANN
CÉSAR A. MIRANDA
CRISTIAN SANDU
DÉBORAH WANDERLEY DOS SANTOS
ELENA KLEMENTIEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSER
IRINA KODIN
KATIA SPÁSSOVA
LEANDRO DIAS
MARCIO AUGUSTO KIM
PAULO PASCHOAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDIM
SUNG-EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA

VIOLAS

HORÁCIO SCHAEFER EMÉRITO
MARIA ANGÉLICA CAMERON
PETER PAS
ANDRÉS LEPAGE
DAVID MARQUES SILVA
ÉDERSON FERNANDES
GALINA RAKHIMOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIREZ
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV
ALEN BISCEVIC*

VIOLONCELOS

HELOISA MEIRELLES
RODRIGO ANDRADE SILVEIRA
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOO DOH
MARIA LUÍSA CAMERON
MARIALBI TRISOLIO
REGINA VASCONCELLOS
WILSON SAMPAIO

CONTRABAIXOS

ANA VALÉRIA POLES
PEDRO GADELHA

MARCO DELESTRE
MAX EBERT FILHO
ALEXANDRE ROSA
ALMIR AMARANTE
CLÁUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLACICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS

HARPA

LIUBA KLEVTSOVA

FLAUTAS

CLAUDIA NASCIMENTO
FÁBIO ALVES PICCOLO
JOSÉ ANANIAS SOUZA LOPES
SÁVIO ARAÚJO

OBOÉS

ARCÁDIO MINCZUK
JOEL GISIGER
NATAN ALBUQUERQUE JR. CORNE INGLÊS
PETER APPS
RICARDO BARBOSA

CLARINETES

OVANIR BUOSI
SERGIO BURGANI
NIVALDO ORSI CLARONE
DANIEL ROSAS
GIULIANO ROSAS

FAGOTES

ALEXANDRE SILVÉRIO
JOSÉ ARION LINAREZ
ROMEU RABELO CONTRAFAGOTE
FRANCISCO FORMIGA

TROMPAS

LUIZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES
JOSÉ COSTA FILHO
NIKOLAY GENOV
LUCIANO PEREIRA DO AMARAL
EDUARDO MINCZUK

TROMPETES

FERNANDO DISSENHA
GILBERTO SIQUEIRA EMÉRITO
ANTÔNIO CARLOS LOPES JR. ***
MARCELO MATOS

TROMBONES

DARCIO GIANELLI
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO CHIPOLETTI

TROMBONE BAIXO

DARRIN COLEMAN MILLING

TUBA

FILIPE QUEIRÓS

TÍMPANOS

ELIZABETH DEL GRANDE EMÉRITO
RICARDO BOLOGNA

PERCUSSÃO

RICARDO RIGHINI 1ª PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
EDUARDO GIANESELLA
RUBÉN ZÚÑIGA

TECLADOS

OLGA KOPYLOVA

MÚSICOS CONVIDADOS DO PROGRAMA
BRUNO LOURENSETTO TROMPETE
CAMILO CARRARA BANJO
DOUGLAS BRAGA SAXOFONE SOPRANO, ALTO E
BARITONO
FÁBIO FREITAS SAXOFONE SOPRANO E TENOR
JESIEL PINHEIRO SAXOFONE ALTO

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR
JOÃO DORIA

SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETÁRIO
SERGIO SÁ LEITÃO

SECRETÁRIA ADJUNTA
CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE
FÁBIO COLLETTI BARBOSA

VICE-PRESIDENTE
ANTÔNIO CARLOS QUINTELLA

CONSELHEIROS
ALBERTO GOLDMAN
ENEIDA MONACO
HELIO MATTAR
JOSÉ CARLOS DIAS
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÔNICA WALDVOGEL
PAULO CEZAR ARAGÃO
STEFANO BRIDELLI

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI

SUPERINTENDENTE
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

(*) MÚSICO CONVIDADO
(***) CARGO INTERINO

OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA, INFORMAÇÕES SUJEITAS A ALTERAÇÕES.



REALIZAÇÃO

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA
FUNDAÇÃO OSESP



Secretaria de
Cultura e Economia Criativa

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



OBRA DA CAPA

Wagner Malta Tavares

São Paulo, São Paulo, Brasil, 1964

Detalhe da obra **Ondas curtas**, 2013

vídeo - duração 8 minutos e 45 segundos

Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Doação do Iguatemi São Paulo, por intermédio

da Associação Pinacoteca Arte e Cultura -

APAC – em processo

Still de vídeo

Serviços Sala São Paulo



/osesp

osesp.art.br

salasaopaulo.art.br

fundacao-osesp.art.br